

MULHER E APÓSTOLA, MESTRA E PROSTITUTA: As Representações Literárias de Maria Madalena

WilgnerMurillo da Conceição Santos*

RESUMO

Neste artigo, ao discutir a figura feminina de Maria Madalena, navega-se pelos vieses dos quatro Evangelhos do Novo Testamento, passeia-se pela escritados textos apócrifos, principalmente os de cunho agnóstico, como o **Evangelho de Maria Madalena**, **Evangelho de Tomé** e o **Evangelho de Felipe**, e também brenha-se por entre os detalhes históricos sobre o tumultuoso começo do Cristianismo, para, logo depois, percorrer as especulações do escritor norte-americano Dan Brown, no romance **O Código Da Vinci**, publicado em 2004, tudo isso via embasamento dos teóricos Arias (2006), Armstrong (2007), Gardner, (2005), King (2003, 2006, 2012), Pagels (2006), Pires (2008), Noll (2000), Tricca (1989, 1992), Welborn (2006), dentre outros, a fim de analisar historicamente a figura de Maria Madalena, içando as representações que foram idealizadas ao longo dos séculos por crenças religiosas, historiadores, teólogos e escritores, para, dessa maneira, evidenciar diferentes nuances da sua imagem e identificar a possível mulher de Magdala.

Palavras-chave: Maria Madalena; Cristianismo; Evangelho; Mulher; Apóstola.

ABSTRACT

In this article, discussing the female figure of Mary Magdalene, it navigates the biases of four New Testament Gospels, walks by the writing of the apocryphal texts, especially the gnostics nature, as the **Maria Madalena's Gospel**, **Tomé's Gospel**, the **Felipe's Gospel**, and also penetrates, through the historical details about the tumultuous eginning of Christianity, for, soon after, go through the speculation of the American writer Dan Brown, the novel the **O Código Da Vinci**, published in 2004, all this pathway basis of theoretical Arias (2006), Armstrong (2007), Gardner (2005), King (2003, 2006, 2012), Pagels (2006), Pires (2008), Noll (2000), Tricca (1989, 1992), Welborn (2006), among others, to analyze historically the figure of Mary Magdalene, hoisting therepresentations that were developed over the centuries by religious beliefs, historians, theologians and writers, for in this way, show different nuances of your image and identify the possible Magdala woman.

Keywords: Mary Magdalene; Christianity; Gospel; Woman; Apostle.

*Licenciado em Letras com habilitação em Língua Portuguesa e Lit. da Língua Portuguesa pela Universidade do Estado da Bahia – UNEB. Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da Universidade Estadual de Feira de Santana – UEFS, Feira de Santana, Bahia. wilgnermurillo@gmail.com

1 INTRODUÇÃO

Há tempos, historiadores e teólogos buscam compreender o verdadeiro papel desta figura feminina ao lado de Jesus de Nazaré e na origem da maior religião do planeta. Com o grande avanço da arqueologia e estudos exegeticos, nas últimas décadas, tornou-se possível traçar a vida de Maria Madalena por algumas perspectivas. Até então, os textos canônicos eram a única base de estudo e com a descoberta dos textos apócrifos¹, encontrados durante os anos de 1947 a 1956 na região de Qumran, localizada a vinte e dois quilômetros a leste de Jerusalém, em Israel, um leque de possibilidades sobre o papel de Maria Madalena no início do Cristianismo se abriu, permitindo o alçar de conjecturas que parecem se incorporar muito mais naturalmente na concepção de realidade do que a história mítica de uma fé monolítica, erguida durante séculos pela Igreja.

Este artigo, tendo como pano de fundo a figura feminina de Maria Madalena, navega pelos vieses dos textos canônicos do Novo Testamento e dos textos apócrifos e de detalhes históricos sobre o turbulento começo da fé cristã, para logo depois percorrer as especulações do escritor norte-americano Dan Brown, em seu romance **O Código Da Vinci**, publicado em 2004, tudo isso, via embasamento dos teóricos Arias (2006), Armstrong (2007), Gardner, (2005), King (2003, 2006, 2012), Pagels (2006), Pires (2008), Noll (2000), Tricca (1989, 1992), Welborn (2006), dentre outros, a fim de analisar a figura de Maria Madalena, içando as representações que foram idealizadas ao longo dos séculos para, assim, evidenciar diferentes nuances da sua imagem das reminiscências do Cristianismo.

2 UMA MULHER ESTIGMATIZADA DESDE O INÍCIO

Durante séculos, Maria Madalena foi confundida com a adúltera absolvida por Jesus diante do templo (João, 8: 3-11) e identificada com a prostituta arrependida que lhe ungiu os pés na casa do fariseu (Lucas, 7: 36-50) — os respectivos Evangelhos não deixam claro, de modo algum, que a adúltera absolvida e a prostituta arrependida sejam Maria Madalena — mas essa opinião, expressa pelo Papa Gregório I, no século VI, no ano de 591 d. C., é aceita por muitos cristãos até hoje: a mulher pecadora que foi purificada pelo Cristo, representando o arquétipo feminino tradicional que a Igreja primitiva instituiu em seus primeiros séculos de existência, a

¹ Apócrifo denota “ocultado à parte”. Qualquer texto cuja autenticidade é duvidosa ou suspeita, ou não reconhecida pelo magistério eclesiástico, foi deixado de lado do cânon bíblico. (Disponível em: <http://www.guia.heu.nom.br/apocrifos.htm>).

pecadora que, após ser curada, passou a vida em penitência e arrependimento —, percebe-se, logo de imediato, nesta representação, uma tentativa de desqualificar a imagem de Maria Madalena como demonstra Salma Ferraz, no livro **Maria Madalena: das páginas da Bíblia para a ficção**, com veemência:

Por essa má interpretação de textos [...], sua imagem foi sendo formada ao longo dos séculos como mulher pecadora, alguns até chegaram a julgá-la como prostituta que foi purificada por Cristo e que, como prova de seu amor espiritual, lavou os pés do Senhor e os enxugou com seus próprios cabelos. Considerada mulher cheia de pecados, Madalena passou a representar o arquétipo feminino tradicional [...]. Assim uma das mais importantes figuras femininas dos Evangelhos teve seu papel adulterado, o significado de sua presença e de sua obra inteiramente modificados. (FERRAZ *apud* MORO, 2011, p. 25).

Cabe dizer que alguns historiadores e teólogos defendem o lado de pecadora dela, longe de ser uma prostituta e/ou adúltera, claro. Deve-se lembrar que, antes de conhecer Jesus de Nazaré, Madalena já poderia ter vida estabilizada em sua cidade natal e, como todo mortal, tinha seus próprios *demônios* para exorcizar. Para os fariseus, a palavra pecadora tinha significados diferentes: podia significar tanto uma mulher de costumes depravados, quanto uma mulher que não vivia os preceitos farisaicos. Por isso, é importante destacar que os “sete demônios” (Lucas 8: 1-3) citados com veemência no **Evangelho de Lucas** podem não se referir a enfermidades ou coisas malignas, por sinal, interpretação muito corrente em doutrinas cristãs conservadoras, mas, num sentido metafórico, aos sete defeitos capitais, às influências astrais e sociais, dos quais Maria Madalena libertou-se quando seguiu o caminho do Cristo.

Ela é uma importante personagem bíblica feminina que foi ultrajada durante séculos por uma tradição da Igreja que a destituiu de autoridade e a aprisionou teologicamente por causa de seu sexo. Para a maioria, Maria Madalena foi a mulher inconveniente desde o início. Os romanos consideravam todas as mulheres indignas de confiança; os discípulos seguiram o exemplo deles. “Dize a Maria que nos deixe”, exige Pedro a Jesus no **Evangelho de Tomé**, no enunciado 114, “pois as mulheres não são dignas da vida”. À medida que a Igreja primitiva evoluía, muitos padres começaram a pregar que Jesus havia morrido para livrar o mundo do pecado de Adão. A origem desse pecado, é claro, era Eva. No século III d.C., Tertuliano, o prolífico defensor da Igreja ortodoxa, escreveu que foi por causa das mulheres que o Filho de Deus teve de morrer², seus comentários apologéticos foram responsáveis por introduzir no Cristianismo a ideia da

2 Para mais informações, recomenda-se a leitura do artigo de Paolo Ricca, **A mulher nas Igrejas**, publicado no site do Instituto HumanitasUnisinos – IHU. (disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/noticias/538183-a-mulher-nas-igrejas-artigo-de-paolo-ricca>).

inferioridade religiosa e moral da mulher e abriu caminho para uma hostilidade de inspiração ascética contra todas elas.

Não obstante, indo mais fundo, se a partir do sec. III da Era Comum começar cada dia escutando os homens dizerem “Bendito sejas Tu, Eterno, nosso Deus, Rei do Universo que não me fizeste mulher” não é agradável para mulher alguma que, por sua vez, deve proferir com resignação as palavras “Bendito sejas Tu, Eterno, nosso Deus, Rei do Universo, que me fizeste segundo Tua vontade”³ imagine há alguns séculos no apogeu da influência greco-romana no judaísmo. Devemos lembrar que Maria Madalena, como a maioria das mulheres daquele período, era sobrepujada por uma sociedade patriarcal, diretamente controlada pelo império romano e, claro, pela doutrina judaica que considerava as mulheres como impuras e portadoras do pecado original (descendente de Eva). É preciso também salientar que o papel da mulher na sociedade judaica resumia-se ao da procriação, podia possuir bens e, sem dúvida, utilizá-los, mas, caso não fosse fértil, era relegada ao esquecimento, abandonada pelo marido, além, é claro, de não poder ser nem testemunha crível num juízo.

E, de modo curioso, mesmo com esse rolo compressor patriarcal vindo de quase todos os lados, a questão que mais intriga, e que talvez tenha gerado ao longo desses dois milênios de Cristianismo tantas teorias e construções romanescas sobre Maria Madalena, é que ela não aparece como filha, esposa ou irmã de nenhum homem. Tal independência feminina em uma sociedade dominada por homens tem intrigado muitos pesquisadores, pois todas as Marias que aparecem nos Evangelhos são reconhecidas por suas famílias: a Maria, mãe de Jesus; a Maria de Betânia, irmã de Marta e Lázaro; a Maria, mãe de Tiago e José; a Maria, esposa de Clopas etc. Então, quem é Maria Madalena?

3 UMA MULHER DE MÚLTIPLAS FACES E PAPEIS

Historicamente, sabe-se que ela nasceu em Magdala⁴, uma pequena cidade do séc. I, localizada na costa ocidental do Mar da Galileia, muito reconhecida devido às suas prósperas pescarias e à comercialização de peixes por todo o Mediterrâneo. De modo visível, através de uma leitura cuidadosa dos textos do *cânon* bíblico (Mc, Mt, Lc e Jo), Maria Madalena não se

3 Essas bênçãos fazem parte da liturgia tradicional judaica dentro do conjunto de “agradecimentos a Deus” conhecido como “Bênçãos matinais” e que são recitadas toda manhã ao despertar. Essas bênçãos não são consideradas problemáticas apenas para a nossa geração, posterior à revolução feminina, mas incomodaram também as gerações que nos precederam.

4 Por ventura, é chamada de Magdala pelos judeus, pois sua denominação está atrelada ao seu significado literal: Torre. Uma torre de peixes. (Disponível em: [http://en.wikisource.org/wiki/Catholic_Encyclopedia_\(1913\)/Magdala](http://en.wikisource.org/wiki/Catholic_Encyclopedia_(1913)/Magdala)).

tratava de uma mulher comum. Ela é descrita na Bíblia, sempre citada, primeiramente, junto a várias mulheres que acompanhavam e contribuía para sustentar Jesus durante suas andanças pela Palestina. A leitura deixa claro que ela tem uma presença acentuada na história do líder nazareno, pois Maria Madalena está nominalmente presente em algumas das passagens mais marcantes na vida dEle, como a Paixão (Mt 27: 46-56) e a Ressurreição (Jo 20: 14-18).

Note que, nos Evangelhos canônicos, o nome dela lidera a lista de mulheres discípulas da mesma maneira que o nome Pedro encabeça a lista de discípulos masculinos. Poucos sabem que, no nome Maria Madalena, pode estar nitidamente expressa a missão e a vida dessa controversa mulher que viveu nos primeiros momentos do Cristianismo, advertem alguns historiadores, pois, no mundo semita, considera-se que a pessoa é o seu nome, ou seja, dizer o nome de alguém significa elucidar a sua identidade. Destaca-se aqui, para compreensão, o costume de dar títulos aos seletos apóstolos, como por exemplo, Simão, que é chamado de Pedro.

Ao considerar o nome Maria de Magdala, historiadores apontam que as raízes do nome Maria vêm de Miriam, que provém do hebraico *mar*, que significa amargo e do ugarítico *mrym*, que significa agraciada, excelsa. Assim, Maria pode simbolizar todo e qualquer ser humano que vive a eterna dualidade da vida: amargura e graça divina. E Magdala é, por sua vez, um substantivo hebraico, nele estão unidos a preposição *me*, que em português significa da e o adjetivo *gadol*, que significa grande. Logo, torre, em hebraico, diz-se *migdal*, variante de *magdala*. Maria de Magdala é, portanto, a Mulher da Torre, aquela que guarda, a guardiã dos ensinamentos de Jesus. (GARDNER, 2006).

No antigo Oriente Médio, as torres eram os lugares que mais se sobressaíam nas cidades. Maria Madalena também era, assim, aquela que se destacava diante dos apóstolos e isto é perceptível, principalmente, nos textos apócrifos, também chamados de Evangelhos alternativos, onde Maria Madalena permanece em destaque e parece ser a confidente de Jesus, uma irmã espiritual e, como discípula amada, contempla e difunde os ensinamentos de seu mestre. Para muitas seitas cristãs primitivas, formadas por essênios durante os séculos II e III d.C., a mulher de Magdala é reverenciada como uma mestra, pois, após a morte de Jesus de Nazaré, tornou-se mediadora da Gnose⁵ e seus ensinamentos eram oralmente transmitidos.

Maria Madalena passou a ser vista pelos gnósticos como um símbolo do “conhecimento verdadeiro” que tinham de Jesus, e como a verdadeira predileta de Cristo, da qual eles seriam seguidores. Os gnósticos acreditavam numa espécie de revelação secreta e esotérica que lhes dava o verdadeiro conhecimento para a salvação, ao contrário da massa “ignara” dos demais

⁵ Termo que do grego gnosís, quer dizer conhecimento. (Disponível em: <http://www.gnosis.org/naghamm/Pagels-Gnostic-Gospels.html>).

cristãos que tinham fé na salvação por intermédio do Cristo. A opinião dos gnósticos era combatida a “ferro e fogo” pelos outros grupos do Cristianismo, que se consideravam os sucessores diretos de Jesus, como Pedro e Paulo, considerados os pais da Igreja primitiva.

É evidente que a presença dela em determinados momentos cruciais da história de Jesus, narrados nos Evangelhos canônicos, representa um privilégio um tanto recíproco entre ela e Jesus. Na visão de alguns teólogos, essa regalia, oferecida a ela, é devido ser a discípula que amou o mestre acima de qualquer coisa, transformando-se na portadora do Evangelho (Mc 16: 9-10) e testemunha da Ressurreição (Jo 20: 14-18). Então, dessa forma, Maria Madalena pode ser reconhecida como a primeira apóstola ou “apóstola dos apóstolos”: a mulher que acreditou firmemente que Jesus era o Messias profetizado, manteve-se crente na mensagem do Mestre até mesmo quando os doze apóstolos não transpareciam mais fé e foi transmissora das histórias sobre a vida do líder nazareno, o que os primeiros cristãos chamavam de Boa Nova. No entanto, a figura feminina de Madalena como apóstola de Cristo é recusada pela Igreja primitiva, pois se entendia que só o homem deteria a capacidade de transmitir o Evangelho. Obviamente, o Cristianismo, advindo do Judaísmo, introduziu um machismo muito mais duro e inapelável, diga-se de passagem, arbitrário (1 Timóteo 2: 11-14).

A partir da leitura do **Evangelho de Maria Madalena**, traduzido em 1954 e publicado em 1955, tido como o único Evangelho escrito por uma mulher, percebe-se que o mesmo apresenta o testemunho de uma mulher (Maria Madalena) que precisou pela primeira vez ser defendido. No manuscrito, os discípulos fazem perguntas sobre o Salvador elevado e recebem respostas de Maria Madalena, que é desacreditada por eles, pois, aqueles doze judeus, ainda enraizados pela doutrina judaica, acreditavam que a palavra de um homem era muito mais confiável do que a de uma mulher. E fica claro o teor gnóstico deste texto apócrifo quando, respondendo a um pedido de Pedro para contar o que Jesus havia falado a ela em segredo, Maria Madalena assume a liderança e pondera inicialmente que irá esclarecer aos discípulos o que está oculto (Evangelho de Maria Madalena 5:1-7), e, em seguida, conta a eles que, ao ter uma visão do Senhor, com Ele ainda vivo, questionou-lhe sobre a mesma:

Ele respondeu e me disse: Bem aventurada sejas, por não teres fraquejado ao me ver. Pois, onde está a mente há um tesouro. Eu lhe disse: Mestre, aquele que tem uma visão vê com a alma ou como espírito? Jesus respondeu e disse: Não vê nem com a alma nem com o espírito, mas com a consciência, que está entre ambos - assim é que tem a visão [...]. (Evangelho de Maria Madalena 5:8-11).

Maria Madalena relembra, junto aos discípulos, os ensinamentos de Jesus, contudo, no

transcorrer do discurso dela, Pedro não concorda com aquelas ideias e não acredita que Jesus tenha falado com ela:

[...] “O Salvador realmente falou com uma mulher sem nosso conhecimento? Devemos nos voltar e escutar essa mulher? Ele a preferiu a nós?” E Levi respondeu: “Pedro, você sempre foi precipitado. Agora te vejo lutando contra a mulher como a um adversário. Se o Salvador a tornou digna quem és tu para rejeitá-la? Certamente o Salvador a conhece muito bem. Foi por isso que a amou mais do que ama a nós”. (Evangelho de Maria Madalena 9:4-9).

Claramente surge o confronto de ideias que durou algum tempo no Cristianismo, mas é a história de Pedro, Paulo que é acolhida. Imediatamente, por sua vez, todos os outros textos que traziam uma ideia distinta daquela considerada oficial foram apontados como heréticos e não deveriam ser seguidos. Então, pode-se dizer que a história de Maria Madalena ao lado de Jesus de Nazaré, nos Evangelhos do NT, é uma história/memória reduzida, enquanto a de Pedro, ao lado do Cristo, permanece em destaque. Todavia, o único Evangelho canônico que parece assumir a importância de Maria Madalena no começo do Cristianismo e ao lado de Jesus é o de **João**, talvez, por ter sido escrito no mesmo período do **Evangelho de Maria Madalena** ou, como reforçam alguns teólogos e historiadores, pelo fato ter sido escrito ou, quiçá, inspirado pela própria Maria Madalena.

No **Evangelho de João**, o relato do momento da Ressurreição, ocasião que simboliza o alicerce do Cristianismo, tem Maria Madalena como personagem principal. Ali, na entrada do sepulcro, numa madrugada de domingo, Maria Madalena, chora desesperada pela morte do seu mestre, é a primeira a ver o Jesus ressuscitado e, também, a primeira mensageira da boa-notícia:

E disseram-lhe eles: “Mulher por que choras?” Ela lhes disse: “Porque levaram o meu Senhor, e não sei onde o puseram”. E, tendo dito isto, voltou-se para trás, e viu Jesus em pé, mas não sabia que era Jesus. [...] Disse-lhe Jesus: “Maria!” Ela, voltando-se, disse-lhe: “*Raboni*” (que quer dizer, Mestre). Disse-lhe Jesus: “Não me detenhas, porque ainda não subi para meu Pai, mas vai para meus irmãos, e dize-lhes que eu subo para meu Pai e vosso Pai, meu Deus e vosso Deus”. Maria Madalena foi e anunciou aos discípulos que vira o Senhor, e que ele lhe dissera isto. (Jo 20: 13-18).

Esta passagem do **Evangelho de João**, nitidamente, no mesmo instante em que coloca Maria Madalena como um dos elementos cruciais da fé cristã, também lhe dá um privilégio — a primeira a ver o Jesus ressuscitado. Na visão de teólogos, motivados por historiadores como Baingent (1993) e King (2003), este privilégio concedido à Madalena pode evidenciar uma li-

gação afetiva entre ela e Jesus de Nazaré, já que, a depender da tradução livre do versículo 17, a fala de Jesus pode ser lida como “Não me detenhas/segures...” quanto “Não me abrace...” ou, melhor, “Para de agarrar-te a mim...”.

Curiosamente, quando Maria Madalena se dá conta de que o cadáver de Jesus não estava no sepulcro, pergunta a um homem (hortelão) que estava ali por perto, sem saber que era Jesus, que lhe dissesse onde o haviam colocado, para ela “ir buscá-lo” (Jo 20: 14-15). Partindo do princípio que o direito sobre aquele cadáver era da família de Jesus, de sua mãe, de seus irmãos, por que ela se arroga a esse direito sobre o corpo de Jesus se, aparentemente, como rechaça a Igreja, não era sua companheira?

No **Evangelho de Marcos** a situação fica mais gritante, pois, após a crucificação, Maria Madalena aparece junto à mãe e irmã de Jesus, que compram perfumes, para ir ungir o corpo nu do Cristo no túmulo, demonstrando certa intimidade entre Madalena e a família de Jesus. Os mesmos teólogos afirmam que Maria Madalena foi a esposa do filho de Deus, cuja união gerou filhos e filhas: “[...] a companheira [de Cristo é Maria] Madalena. [O Senhor amava Maria] mais do que a todos os discípulos [e] a beijou na [boca] repetidas] vezes” (Evangelho de Felipe in: TRICCA, 1992, p. 188)⁶. É aproveitando esses deslizos e deixas dos Evangelhos canônicos e apócrifos que Dan Brown irá construir sua narrativa profana.

4 UMA MULHER SOB UM CÓDIGO PROFANO E SECRETO

Foi aproximadamente a partir de 1945 que uma teoria envolvendo Maria Madalena e Jesus de Nazaré ganhou força, provocando grande fervor social e religioso. É possível traçar uma cronologia sintetizada da força dessa teoria em cinco pontos: primeiro, na arqueologia, com a descoberta dos textos apócrifos, ou seja, os Evangelhos alternativos, encontrados na região de Qumran, em Israel; segundo, na literatura grega, com a publicação, em 1951, da obra, **A Última Tentação**, de Níkos Kazantzákis, adaptada em 1988 para a sétima arte por Martin Scorsese, intitulada **A Última Tentação de Cristo**; terceiro, na literatura portuguesa, com a publicação em 1991 da obra, **O evangelho segundo Jesus Cristo**, de José Saramago, adaptado para o teatro em 2001 e cotado para tornar-se filme; quarto, na literatura americana, com a publicação em 2003 do best-seller, **O código Da Vinci**, de Dan Brown, adaptado para o cinema em 2006; e

⁶ Os colchetes indicam falhas no manuscrito original do Evangelho de Filipe e não diz onde Jesus beijava Maria Madalena nem com que frequência o fazia — a utilização de determinados termos é devido a estudos na configuração de escrita do próprio Evangelho. No entanto, tudo é uma questão de interpretação. Este beijo, por mais que se queira forçar o texto, não indica uma situação sexualizada, já que o beijo no simbolismo judaico significava transmissão de conhecimento. (FERRAZ apud MENGOZZI; PADILLA, 2011).

quinto, no Vaticano, num congresso sobre línguas antigas, em 2012, com a divulgação, realizada pela historiadora Karen King, de um pedaço de papiro com inscrições em copta⁷, reacendendo o debate em torno dessa teoria.

Tal teoria é, na afirmativa de Hugh Teabing, personagem de **O código Da Vinci**, que “Cristo não só era casado, como também era pai. Minha querida, Maria Madalena era o Vaso Sagrado. Ela era o cálice que carregava a linhagem real de Jesus” (BROWN, 2003, p. 237) ou, de forma mais instigante, na tradução livre da inscrição inicial do pedaço de papiro, “Jesus disse a eles, ‘minha esposa’”. (KING, 2012).

De maneira curiosa, a ideia de Maria Madalena como a mulher de Jesus parece soar como blasfêmia, uma ofensa perante a imagem do Filho de Deus, pois é defendido nos Evangelhos canônicos que ele é divino (um deus entre os homens) e, ao ser tentado, eleva-se acima dos pecados e fraquezas do gênero humano (Carta aos Hebreus 4:15). Óbvio que o ato sexual, idealizado como pecado, certamente, seria um motivo para a dificuldade de idealizar que Jesus tenha tido um relacionamento carnal, pois, caso Ele tenha-se relacionado sexualmente com Maria Madalena, isso conotaria a perda de sua divindade, transformando-o num mero profeta, radical e único, mas, tão somente, um profeta.

Mas o ato sexual seria pecado? Não, necessariamente. A concepção de pecado, no que diz respeito às questões sexuais, parece ter sido instituída pela sociedade patriarcal como forma de oprimir e subjugar as mulheres. **O Livro do Gênesis** é bastante claro no sentido de mostrar que Deus criou a mulher e o homem para que se unissem, tornando-se um só, e abençoou o ato sexual ordenando aos Homens: “Frutificai e multiplicai-vos” (Gn 1:28). Sendo assim, Jesus poderia ter sido casado com Madalena ou qualquer outra mulher, tendo até mesmo filhos com ela, e isso em nada afetaria sua natureza divina.

A concepção de relação carnal entre Madalena e Jesus ficou muito popular, logo após a publicação do livro **O código Da Vinci**, de Dan Brown, romancista norte-americano. Sem dúvida, é perceptível que tal obra, ironicamente, considerada pela crítica como um texto carente de densidade, apresenta em si uma conotação de desconstruir sistematicamente o que por quase dois milênios tem sido patrimônio espiritual de cristãos de todas as tradições, no Oriente e no Ocidente — a divindade de Jesus.

Dan Brown, na verdade, com base nos textos apócrifos e no trabalho do historiador Baingent (1993), apenas tece, em sua obra, especulações mais elaboradas, acerca da relação

⁷ O copta também designada por copto, é uma língua que floresceu por volta do século III d.C. no Egito Antigo. Disponível em: http://st-takla.org/Learn_Languages/01_Learn_Coptic-ta3leem-2ebty/Learn-Coptic_00-index_El-Fehres.html

amorosa entre Maria Madalena e o líder nazareno, sugerindo até que uma sociedade secreta, conhecida como o *Priorado de Sião*, fundada em 1099, protegeria a linhagem de sangue destes ícones do Cristianismo, além, é claro, daquilo que é de se esperar de um romance, levar entretenimento.

A obra, **O código Da Vinci**, repleta de descrições sobre obras de arte, arquitetura, símbolos e rituais secretos, expõe para o mundo uma Maria Madalena que arrebatava concepções primitivas da história do Cristianismo e levanta indagações sobre seu verdadeiro papel nesta história. Conforme o livro, o Santo Graal, expressão medieval usada para designar normalmente o cálice usado por Jesus na Última Ceia — muito famoso nas *Lendas Arturianas* —, não seria necessariamente uma taça onde Jesus teria tomado alguma coisa, mas, numa visão simbólica, o antigo símbolo da feminilidade, pois, enquanto o antigo símbolo da masculinidade denomina-se lâmina, o feminino é exatamente o oposto, chamado de cálice, aludindo uma presença feminina vinculada diretamente a Jesus (BROWN, 2004, p. 226).

Conseqüentemente, como Jesus e Madalena (descrita em **O Código Da Vinci** como sua companheira/esposa), tinham descendência real — Jesus descendia do rei Salomão e rei Davi e Maria Madalena da Casa de Benjamim — a união entre eles fundiu duas linhagens reais, criando assim um verdadeiro sangue real, que está na origem do nome do Santo Graal, *Sangreal*, que significa literalmente sangue real. A lenda do Santo Graal usa o cálice como metáfora para algo muito mais importante, isto é, uma mulher, simbolicamente, o útero de Maria Madalena, que conteria o sangue vivo de Jesus (BROWN, 2004, p. 237).

Maria Madalena, como representação do próprio Santo Graal, o receptáculo que conteria o sangue de Jesus, é talvez uma teoria corroborada pelo ilustre pintor Leonardo Da Vinci, possível membro do *Priorado de Sião*, que no seu quadro **A Última Ceia** pinta à direita de Cristo uma figura feminina — de acordo com os costumes da sociedade judaica, o que significava um lugar muito especial, reservado para pessoas muito importantes:

Sophie examinou a figura logo à direita de Jesus, concentrando-se nela. Olhando o rosto e o corpo da pessoa com atenção, uma onda de espanto a percorreu. Aquela pessoa tinha longos cabelos ruivos ondulados, delicadas mãos entrelaçadas e o peito era levemente arredondado, sugerindo a presença de seios. Era sem dúvida... feminina. [...] porém, creia-me, não é impressão. Leonardo tinha uma habilidade incrível para retratar a diferença entre os sexos. Sophie não conseguia tirar os olhos da mulher ao lado de Cristo. A Última Ceia devia conter 13 homens. Quem é essa mulher? Embora Sophie tivesse visto essa imagem clássica muitas vezes, jamais havia notado essa discrepância gritante (BROWN, 2004, p. 230).

Leonardo Da Vinci é conhecido como *o homem da Renascença* (época caracterizada

pela valorização do ser humano e da natureza), viveu entre os anos de 1452 e 1519, reconhecido por suas criações artísticas, estilo singular e por possíveis códigos secretos omitidos em suas obras de arte. Um dos seus afrescos mais famosos é **A Última Ceia**. A opinião, imposta pela Igreja, de que, no afresco à direita de Jesus, seja o apóstolo João, projetado com traços femininos por ser representado nas escrituras sagradas como um jovem rapaz, já não seria tão plausível. A evidente figura feminina só foi percebida após as várias tentativas de restauração e remoção das camadas de sujeira, reduzindo o afresco à camada de tinta original de Da Vinci:

Sophie aproximou-se da imagem. A mulher à direita de Jesus era jovem, tinha uma expressão piedosa, um rosto sério [...]. Quem é ela? – indagou Sophie. [...] É Maria Madalena. Sophie virou-se. – A prostituta? [...] Madalena não era isso. Esse infeliz equívoco é o legado de uma campanha feita pela Igreja primitiva para sujar a imagem de Maria Madalena [...]. A Última Ceia praticamente proclama àqueles que a contemplam que Jesus e Maria Madalena eram um casal [...]. Sophie voltou a olhar o afresco. – Observe que Jesus e Madalena estão vestidos como se fossem imagens especulares um do outro. – Teabing apontou para os dois indivíduos no centro do afresco. Sophie estava fascinada. Era aquilo mesmo, as roupas deles tinham cores invertidas. Jesus usava uma túnica vermelha com manto azul; Maria Madalena, um vestido azul e um manto vermelho. Ying e yang (BROWN, 2004, p. 231).

Não se sabe seguramente o que Leonardo Da Vinci queria dizer ao pintar uma figura feminina em **A Última Ceia**, visto que Dan Brown, como tantos outros, apenas levanta seu ponto de vista. De acordo com Brown, no documentário *Jesus, Maria e Da Vinci*, transmitido pela emissora GNT, Da Vinci viveu o infeliz desafio de ser um homem de pensamento moderno que nasceu numa época de grande fervor religioso, uma época em que Ciência era sinônimo de Heresia. A relação de Leonardo Da Vinci com a Igreja era puramente de cunho artístico, visto que ele discordava totalmente da maneira como a religião sobrepujava a natureza humana em sua necessidade de liberdade.

O que há são especulações e teorias sobre os motivos de Da Vinci pintar esta figura feminina no seu afresco **A Última Ceia**. Ele estava ciente do papel de Madalena como a primeira apóstola, uma possível demasia artística, ou talvez quisesse mesmo reforçar a ideia da união carnal entre ela e Jesus? Enfim, são inúmeras as conjecturas que alimentam a imaginação de romancistas, historiadores, teólogos e críticos de arte mundo a fora.

A historiadora King, autora do livro, ainda não publicado no Brasil, *The Gospel of Mary of Magdala: Jesus and the First Woman Apostle* (*O Evangelho de Maria de Magdala: Jesus e a Primeira Apóstola*), que também participou do documentário **Jesus, Maria e Da Vinci**, acredita que seja plausível pensar que Jesus pode ter sido casado (KING, 2003). Claro, é imprescindível

dizer que, para um judeu do século I, o casamento era quase considerado uma obrigação religiosa, ligado ao mandamento de “crescer e multiplicar-se” presente no livro bíblico do Gênesis, contudo, Jesus não era um judeu comum, tratava-se de uma figura carismática, mas também de um líder inspirador, filosófico e pragmático, que poderia muito bem ter optado pelo celibato, já que, na época, se assim quisessem, essênios poderiam viver como “monges” — é o caso de João Batista, o primo de Jesus.

A rigor, não há nada na Bíblia que aponte nitidamente que Jesus de Nazaré foi ou não casado. Sobre isto, o padre Richard McBrien, da Universidade de Notre Dame, no mesmo documentário transmitido pela GNT, mesmo acreditando que seja algo improvável, relata que o matrimônio entre Maria Madalena e Jesus pode não ser uma situação impossível. Na opinião do clérigo, Ele pode ter sido casado e isso, de maneira alguma, ameaçaria a natureza Divina de Jesus, a menos que os cristãos leigos considerem a intimidade sexual no casamento como algo pecaminoso ou pervertido. (MCBRIAN, 2004).

Salienta-se que não se pode ter certeza absoluta se Maria Madalena foi ou não esposa de Jesus, ou que a união entre os dois gerou filhos e filhas, mas tal conjectura não deve ser considerada impossível, já que não há provas absolutas que comprovem ou não a relação carnal entre esses dois ícones do Cristianismo. Quanto à Madalena e sua presença ao lado de Jesus de Nazaré, o que se pode ter certeza é de sua representação como arquétipo feminino ativo na história do Cristianismo, pois foi ela a transmissora da Ressurreição, permanecendo firme e pregando o Evangelho ao Reino:

Mas eles estavam profundamente tristes. E falavam: “Como vamos pregar aos gentios o Evangelho ao Reino do Filho do Homem? Se eles não o procuraram, vão poupar a nós?” Maria Madalena se levantou, cumprimentou a todos e disse a seus irmãos: “Não vos lamentais nem sofrais, nem hesiteis, pois sua graça estará inteiramente convosco e vos protegerá. Antes, louvemos sua grandeza, pois Ele nos preparou e nos fez homens”. (Evangelho Segundo Maria Madalena 5: 1-3).

Apesar disso, Maria Madalena teve uma simbologia gerada em torno de si e isso acabou velando o significado de sua participação na vida e na obra do Cristo. Vista como prostituta e mulher arrependida, alusões que a relegaram a um segundo plano dentro da tradição cristã ocidental, Maria Madalena — voz feminina de grande valia e encorajamento — é a mulher calada pelo machismo tradicional que crescia arbitrariamente logo no início do Cristianismo.

Não se sabe se a opinião do Papa Gregório I, ao sentenciar o papel de prostituta a Maria Madalena, foi proposital, visando a algum objetivo repressor ou não, já que, na obra **O código Da Vinci**, é especulado que a imagem de Maria Madalena teria que ser “sujada” para que fosse

ocultada a sua participação carnal ao lado de Jesus e, assim, impedir indagações luxuriosas a respeito do relacionamento entre esses dois ícones do Cristianismo. É instigante destacar que Dan Brown utiliza-se dos textos apócrifos durante sua narrativa para expor aos leitores contemporâneos uma possível imagem de Maria Madalena como a esposa de Cristo e também como a mulher que foi oprimida e calada.

Faz-se conveniente enfatizar que, de acordo com os textos apócrifos, principalmente o **Evangelho de Maria Madalena**, conjectura também levantada em **O código Da Vinci**, não foi a Pedro que Jesus deu instruções para fundar a Igreja cristã, foi à Maria Madalena — a Igreja seria comandada por uma mulher. Jesus seria o feminista original, pois sabia que Pedro iria negá-lo quando a inquisição popular instigasse a sua participação no ministério do líder nazareno e que Madalena não pereceria, teria fé e levaria Sua palavra aos judeus com coragem e sabedoria, sendo a apóstola querida (BROWN, 2004, p. 235).

E o grande Da Vinci novamente entra em cena, evidenciando, assim, o motivo de dar título ao quarto livro de Dan Brown, pois em seu afresco **A Última Ceia**, Leonardo, hábil detalhista, parece interpretar muito bem o pensamento, diga-se de passagem, machista, de Pedro para com Maria Madalena:

E Pedro não aceitava isso – disse Langdon apontando para A Última Ceia. – Ali está Pedro. Dá para ver que Da Vinci sabia muito bem como Pedro se sentia em relação à Maria Madalena. Outra vez Sophie ficou muda. Na pintura, Pedro inclinava-se ameaçadoramente na direção de Maria Madalena e passava a mão, como se empunhasse uma faca, diante do pescoço dela. (BROWN, 2004, p. 235).

O mais importante é que parece que Leonardo Da Vinci se incumbia dessa ideia feminista discutida em **O Código Da Vinci** e reconhecia Maria Madalena como uma mulher digna de sentar-se ao lado de Jesus, pois o Messias pregou o amor e a igualdade.

Como já foi dito, essa representação de Madalena como a prostituta arrependida do capítulo 7 do **Evangelho de Lucas** difundiu-se amplamente no Ocidente cristão, mas não prosperou no Oriente, onde se considerava que a mulher anônima, descrita no Evangelho, e Madalena eram duas pessoas completamente diferentes. Embora não existam nos Evangelhos canônicos objeções à opinião de que Maria Madalena tenha sido uma prostituta, também não há provas bíblicas concretas que permitam afirmá-lo. Este pode ser o motivo pelo qual, em 1969, quando a Igreja Católica reviu as leituras da bíblia empregadas na celebração litúrgica, decidiu não continuar a usar o relato da pecadora arrependida do capítulo 7 do **Evangelho de Lucas** como referência à Maria Madalena.

Nesse momento, evidencia-se, aqui, a representação original e a mais latente de Maria Madalena — a mulher que não foi reconhecida pela Igreja primitiva como peça fundamental de sua história. Afinal de contas, foi Maria Madalena que teve a primeira visão do Cristo ressuscitado e recebeu a missão de anunciar isto aos demais apóstolos. As evidências expõem que Maria Madalena foi a primeira a ter visto Jesus após sua morte e anunciou aquilo que viu e, somente depois disto, outros tiveram mais visões de Jesus. Dessa maneira, entende-se que ela deu início, oralmente, ao que viria a ser a maior religião do planeta, já que a ressurreição é a pedra angular do Cristianismo.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Maria Madalena é uma das mulheres mais emblemáticas do Cristianismo. Por quase dois mil anos, a mulher de Magdala habita na imaginação de muitos cristãos como uma prostituta sedutora; na atualidade, a ficção moderna a exhibe como a esposa de Jesus e mãe de seus filhos. Contudo, as fontes mais antigas que discorrem sobre ela — tanto no Novo Testamento como fora dele — não apresentam, de maneira nítida, nenhum desses papéis sexualizados, sugerindo que esta mulher é muito mais complexa do que a maioria dos cristãos pode imaginar.

Historicamente, o Cristianismo é um movimento que acredita que Jesus de Nazaré morreu na cruz pelos nossos pecados, foi enterrado e ressuscitou no terceiro dia. É óbvio que Jesus não poderia ter estabelecido este conceito para ser o alicerce na origem do Cristianismo, ele já estava morto e é curioso salientar que os Evangelhos do Novo Testamento começaram a ser escritos 37 anos depois da sua morte. Alguém, entre os seguidores de Jesus, teve essa ideia e a fundamentou oralmente para a posterioridade, o que coloca Maria Madalena em destaque, já que ela foi a primeira a ter a visão da ressurreição de Jesus de Nazaré. Entretanto, como o testemunho, diga-se de passagem, histórico e avassalador de uma mulher, que teria visto um homem ressuscitar dos mortos, não era confiável, a visão de Maria Madalena teve que ganhar o respaldo e a ascendência dos homens, dos discípulos de Jesus, o que minimizou seu papel de apóstola dos apóstolos durante os primeiros séculos depois de Cristo.

Finalmente, a importância de Maria Madalena para o Cristianismo pode não ser a de líder do movimento ou de companheira íntima de Jesus, Maria Madalena pode ter sido apenas, no lugar certo e na hora certa, a fiel e querida seguidora do líder nazareno. Todavia, se o Cristianismo é a crença na morte e ressurreição de Jesus e Maria Madalena foi a primeira a anunciar que Jesus se levantou dos mortos, pode-se argumentar que sua importância histórica é enorme, mesmo que Maria Madalena seja conhecida apenas por isto: a mulher cuja visão levou à concepção de uma nova fé.

REFERÊNCIAS

ARMSTRONG, Karen. **A Bíblia – uma biografia**. Jorge Zahar Editora, 2007.

BAINGENT, Michael, LEICH, Richard, LINCOLN, Henry. **O Santo Graal e a linhagem sagrada**. São Paulo: Nova fronteira, 1993.

BÍBLIA DE REFERÊNCIA THOMPSON. Antigo e Novo Testamento. Trad. João Ferreira de Almeida. Flórida – E.U.A.: Vida, 1993

BROWN, Dan. **O Código Da Vinci**. Rio de Janeiro: Sextante: 2004.

BURSTEIN, Dan, KEIJZER, Arne J. de (Org.). **A verdadeira história de Maria Madalena: os segredos da mulher mais instigante da Bíblia**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.

EVANGELHO DE MARIA MADALENA, AkhmimCodex, 1955. Disponível em <<http://esotericathesixth.tripod.com/esotericathesixth/Gnostic.GospelofMary.htm>>

EVANGELHO DE TOMÉ in: **Os evangelhos proibidos: os textos apócrifos mais importantes na íntegra**. São Paulo, Editora Abril, 2013, p. 65.

FERRAZ, Salma (Org.). **Maria Madalena: das páginas da Bíblia para a ficção (textos críticos)**. Maringá: Eduem, 2011.

GARDNER, Laurence. **O Legado de Madalena: conspiração da linhagem de Jesus e Maria: revelações sobre o Código Da Vinci**. Trad. Elaine Alves Trindade. São Paulo: Madras, 2005

HUTCHEON, Linda. **A poetics of postmodernism: history, theory, fiction**. New York & London: Routledge, 1988.

JESUS, Maria e Da Vinci. Direção: RudyBednar, ShanaForlano, David Stern. Produção: NationalGeographic. Roteiro: Elizabeth Vargas, JeanmarieCondon. Estados Unidos da América: Koch Vision, 2004. Widescreen, color.

KING, Karen. **The Gospel of Mary of Magdala: Jesus and the First Woman Apostle**. Polaridge Press. Santa Rosa, Ca: 2003.

LOPES, José Reinaldo. **Os evangelhos proibidos: os textos apócrifos mais importantes na íntegra**, São Paulo, Editora Abril, 2013.

MIRANDA, Celso; SILVA, Cíntia Cristina da. **Leonardo da Vinci: O homem de todos os códigos**. Disponível em: <http://guiadoestudante.abril.com.br/aventuras-historia/leonardo-vin->

ci-homem-todos-codigos-434694.shtml. Acesso: 4 de junho/2012.

NOLL, Mark. **Momentos decisivos na história do Cristianismo**. São Paulo: Cultura Cristã, 2000.

PAGELS, Elaine. **Os Evangelhos Gnósticos**. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2006.

PIRES, Valéria Fabrizi. **Lilith e Eva: Imagens arquetípicas da mulher na atualidade**. São Paulo: Summus, 2008.

TRICCA, Maria Helena de Oliveira (Org.). **Apócrifos II: os proscritos da Bíblia**. São Paulo: Mercuryo, 1992.

TRICCA, Maria Helena de Oliveira (Org.). **Apócrifos: os proscritos da Bíblia**. São Paulo: Mercuryo, 1989.

WELBORN, Amy. **Decodificando Maria Madalena: a verdade, as lendas e as mentiras**. Trad. de Rosane Albert. São Paulo: Cultrix, 2006.